

O livro invisível

Santiago García-Clairac

Tradução Sérgio Alcides

Temas Amizade / Importância da leitura / Amor pelos livros e pela literatura



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



2ª edição

Série Laranja

128 páginas

O LIVRO César já não aguenta mais ir de um lugar para o outro. Todo ano ele mora em uma cidade diferente, estuda em uma escola diferente, com amigos diferentes. Tudo porque seu pai é escritor e diz que precisa mudar constantemente de cidade para não perder a criatividade. Por conta disso, César não quer nem chegar perto dos livros que o pai escreve. Afinal, eles são os culpados por tantas mudanças! Recém-chegado a uma nova cidade, César faz amizade com Lúcia, uma garota que deseja ser escritora e fica fascinada ao descobrir que o pai dele escreve livros. A partir de então, o garoto será obrigado a rever suas opiniões.

O AUTOR Nascido na França, em 1944, Santiago García-Clairac é desenhista, professor, publicitário e escritor. Como publicitário, ganhou importantes prêmios no festival de Cannes. Seu primeiro livro infantil foi publicado em 1994 e sua obra encontra-se traduzida em diversos idiomas.

INTERPRETANDO O TEXTO

TORNAR VISÍVEL O INVISÍVEL

César é um garoto solitário. O pai, escritor, sente necessidade de mudar de cidade cada vez que termina de escrever um livro. Quem paga o pato, na visão do menino, é a família, principalmente ele e seu irmão Javier, pois mudam de escola sistematicamente de tempos em tempos, o que os torna sempre deslocados e solitários.

Desta vez, porém, algo mudará. A menina que se senta ao lado de César na escola não se parece com as outras. Não é bonita, chega mesmo a incomodar com suas perguntas. E, além do mais, quer ser escritora. Mas a antipatia de César pela menina, Lúcia, não o impede de viver, com ela, situações novas: ela o defende de Lorenzo e seus comparsas, que, sem mais nem menos, passam a perseguir-lo.

A situação inicial de *O livro invisível* mostra os conflitos desse menino que, em choque com as escolhas do pai, se recusa a valorizar a atividade da leitura. A nova amiga, porém, acaba por criar contradições em seu comportamento. Como ela o havia salvado dos meninos, César quer aproximar-se de algum modo. A atividade do pai de César interessa a Lúcia e por isso ele lhe conta que o pai está escrevendo “O livro invisível”. Diante da curiosidade impetuosa da amiga, César se propõe a mostrar-lhe a história, à medida que o pai a está escrevendo. Sem pedir permissão para o autor do livro, começam, ambos, a se encontrar para ler.

De início, César parece mais interessado na companhia de Lúcia, mas a história vai fascinando-o aos poucos. Trata-se da narrativa de Hanna, filha do Rei Ignacius, que encontra um livro invisível e quer lê-lo. Ela quer tanto ler o livro que acaba adoecendo, e todas as tentativas para distraí-la não resultam em nada. Com a ajuda de Sigfrido, o pajem, Hanna descobre que o Mago da Montanha, numa terra distante e perigosa, pode ajudá-la a decifrar o livro.

Os meninos se entusiasмам, mas a história não está pronta. César tem de achar um jeito de imprimir as páginas à medida que seu pai as está escrevendo, sem que o autor se dê conta disso. A cada novo pedaço da história, a vontade de saber mais aumenta — como aumentam também os problemas de César com Lorenzo, com a escola, com o pai.

Enquanto isso, Hanna, nas páginas do livro, vive suas aventuras. Ela e Sigfrido chegam à morada do Mago da Montanha, mas ele havia acabado de morrer. Tessius, o criado do Mago, lhes diz que, para decifrar o livro, teriam de ir às Minas de Enxofre e poderiam

correr graves riscos. Corajosamente, os meninos se aventuram e são perseguidos pelos soldados desse estranho lugar. Quando tudo parece perdido, surge Nasshan, um caçador, que os salva e lhes diz que terão de ir ao Vale se quiserem descobrir o segredo do livro.

No auge da história de Hanna, o pai de César descobre tudo! Mesmo temerosos, os meninos contam toda a verdade. O escritor lhes promete que eles serão os primeiros a ler a história, quando terminar de escrevê-la.

Para a alegria de César e Javier, o pai decide não mudar mais de cidade. César se enche de confiança e coragem, pois uma nova vida se anuncia. Ele enfrenta Lorenzo e seus comparsas e solidifica seu afeto por Lúcia. E, cumprindo o prometido, o pai chama César e Lúcia para conhecerem, em primeira mão, o final da história. Numa lanchonete, entre as delícias dos sorvetes e as delícias das aventuras bem-sucedidas de Hanna e Sigfrido, todos decifram a alegria de tornar visível o invisível. Isto é, de descobrir nos livros o prazer de uma história bem contada.

O PRAZER DA LEITURA

O *livro invisível* é uma história em que o tema central é o prazer da leitura. Este prazer não está dado de antemão, nem todos compartilham dele. Na sala de aula, muitas vezes o professor tem dificuldade em despertar nos alunos o gosto pela leitura e, nesse sentido, a leitura deste livro o ajudará.

Junto a esse tema central, há também os temas paralelos. A convivência familiar de César é dificultada, a princípio, pelo fato de o menino sentir-se prejudicado pelas escolhas do pai. Afinal, é ele quem decide quando irão mudar, e isso determina a impossibilidade de César construir relações afetivas mais duradouras. Talvez por isso, César não goste de ler, não goste de nada que se relacione ao que não é prático, direto, palpável. Para ele, é absurdo alguém se interessar por algo que não é visível (pp. 16, 18, 35). O encontro com Lúcia lhe traz problemas, porque lhe traz dúvidas. E essas dúvidas o transformam. O que não existia (seu interesse pela leitura) passa a existir, mesmo que César não queira admiti-lo.

Um terceiro tema relevante é o da convivência na escola. Nas salas de aula, as relações de poder se estabelecem e, muitas vezes, os adultos não percebem as injustiças que cometem. César é punido, mas aqueles que o ofendem se safam. Afinal, diz o menino, “como são quatro, acreditam mais neles do que na gente” (p. 55). Parece que apenas entre iguais os conflitos se resolvem, desde, é claro, que direção, professores e família estejam atentos

Mergulhando na temática

NARRADOR ONISCIENTE, PROTAGONISTA OU TESTEMUNHA

O narrador é a principal estratégia narrativa de um autor. Dizem os teóricos que o narrador se instala *entre* a história propriamente dita e o leitor, conduzindo o olhar deste de acordo com o seu próprio ponto de vista. Entre as diversas categorias de narrador, há a do *narrador onisciente*, aquele que, estando em terceira pessoa, não pertence ao que é narrado; ou seja, não é o personagem principal nem o secundário da história que está sendo contada. Esse tipo de narrador tudo conhece, até mesmo as instâncias mais secretas do pensamento de qualquer um dos personagens. O fato de o narrador onisciente dominar todos os acontecimentos não significa, porém, que ele contará tudo o que sabe. Ele organizará seu relato de maneira a garantir que o leitor saiba apenas aquilo que ele quiser. Os narradores em primeira pessoa podem ser narradores protagonistas (quando contam as histórias de que foram os principais personagens) ou narradores testemunhas (quando contam o que testemunharam, fatos que não protagonizaram). É importante lembrar que o narrador, qualquer que seja, não se confunde com o autor da obra.

Sugestão bibliográfica sobre foco narrativo:

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. Série Princípios. 8ª ed. São Paulo, Ática, 1997.

NARRATIVA EM ABISMO

Um livro dentro de outro livro ou “um centro dentro do centro, eis o abismo”, como diz um teórico francês chamado ▶

para evitar abusos. Quando César finalmente enfrenta Lorenzo, este não se mostra tão valente como parecia. No entanto, as situações da vida real nem sempre são tão simples — e essa seria uma ótima discussão a ser feita com cada classe.

UM MODO DE VER

A graça da narrativa de *O livro invisível* decorre do modo de ela ser contada. Aliás, toda história depende de quem a conta. Neste caso, os episódios vão sendo narrados por César, o narrador protagonista de sua própria vida. Além disso, ele conta os fatos à medida que vão acontecendo.

Seria importante sensibilizar os alunos para a descoberta do foco narrativo desta história. Não apenas para ensinar-lhes as categorias principais dos tipos de narrador (terceira pessoa ou primeira pessoa; **narrador onisciente**, **protagonista** ou **testemunha**), mas, principalmente, para ajudá-los a compreender que o sentido da história depende de quem a conta e daquilo que quem a conta sabe.

Certamente Javier contaria outra história, com os mesmos ingredientes e Lúcia outra. César conta aquilo que o preocupa, aquilo que é a sua visão do mundo: sua dificuldade com amigos, sua dificuldade em entender como é que alguém pode passar a vida inventando o que não existe. Mas conta também o que vai aprendendo: Lúcia é diferente dele, Lúcia se interessa por livros. A perspectiva do narrador protagonista é, assim, contar o que está vivendo e de que forma suas vivências o transformam.

Pode-se mostrar aos alunos que há um livro dentro de outro livro. Esse processo tem o nome técnico de **narrativa em abismo**. O livro de seu pai, porém, não está escrito com o mesmo tipo de narrador de *O livro invisível*. As aventuras de Hanna são contadas por um narrador em terceira pessoa, que é onisciente. Mas esse narrador, que tudo sabe e que tudo poderia contar, opta por ficar mais próximo do ângulo de visão da personagem Hanna. Embora o narrador saiba como *ler* um livro invisível, ele quer contar como a menina e seu pajem descobrem o segredo.

A escolha do foco narrativo, portanto, cria significações que envolvem diretamente o leitor. Este pode gostar de uma história se, a princípio, o narrador não elimina todos os mistérios logo nas primeiras páginas. O leitor precisa descobrir junto com o personagem, e às vezes antes dele, aquilo que o narrador onisciente já sabe, mas não contou. A estratégia da narrativa é, assim, físgar a curiosidade do leitor, tornando-o coparticipante dela.

*Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

- Jacques Derrida, é uma estratégia antiga mas ainda muito interessante de se escrever uma história. Autores do passado já a usaram com muita eficiência e interesse para os leitores. Segundo consta, Victor Hugo teria sido o primeiro a perceber tal recurso em obras mais antigas, como as de Shakespeare.
- A história que fica dentro da história principal tende a criar coincidências de temas que funcionam, como ocorreu aqui, para mudar o comportamento dos personagens ou servir-lhes de modelo. Além disso, a alteração do foco narrativo que isso implica (um *eu* pode passar a voz a um narrador onisciente, um narrador onisciente pode passar a voz a um narrador em 1ª pessoa) é uma maneira interessante de se mostrarem os diversos modos de ver o mundo e a vida ao redor. Muitas vezes, nas histórias *em abismo* há um tema subjacente, que é a própria história do ato de escrever e de ler; aliás, tema principal deste livro de García-Clairac. Na literatura brasileira moderna, Graciliano Ramos usou esse procedimento em três de suas obras: *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*.

Outro elemento importante na caracterização do foco narrativo em *O livro invisível* é que ele permite ao professor explicar algo que nem sempre os alunos distinguem com nitidez. Para a maior parte dos leitores, os autores se confundem com os narradores. Nesse caso, como o pai de César é escritor e afirma repetidas vezes que não sabe o que ocorrerá, pois o livro ainda não está totalmente escrito, pode-se aproveitar para lançar o tema. Um autor cria tudo, inclusive o narrador — mas narrador não é a mesma coisa que autor. O que parece tão esquisito pode, com atividades específicas, tornar-se mais claro e produtivo para o conjunto da classe.

UM LIVRO DENTRO DE UM LIVRO DENTRO DA VIDA

César é um menino comum: vai à escola, tem dificuldades, sabe enfrentar situações da vida diária. É essa a história central do livro. No entanto, *dentro desse livro*, há um outro, que trata de princesas, minas de enxofre, magos, vales encantados e de livros que não se podem ver. Dentro da história realista, narra-se uma história maravilhosa que, além de tudo, ainda nem terminou de ser escrita.

A técnica de *O livro invisível* implica a mistura de dois registros: o realista (quando a história segue as regras da vida comum, com personagens comuns) e o maravilhoso (quase sempre envolvendo princesas e reis, episódios mágicos e lendários). As aventuras maravilhosas, sobretudo nos livros infantojuvenis, tendem a trabalhar com temas realistas do tipo: como estimular a leitura?, ou como mostrar que o livro e suas histórias são verdadeiros tesouros? Para responder a essas questões, o gênero maravilhoso propõe respostas dentro da própria história: Hanna descobre o segredo do livro quando lhe ensinam que “todo livro é invisível até que alguém o leia” (p. 117).

Também para César os livros eram invisíveis; também para cada leitor os livros são invisíveis. Até que cada um os descubra e aprenda com eles.

CONVERSANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Antes mesmo de propor a leitura, seria interessante o professor colocar em discussão um dos questionamentos que se dão entre César, Javier, seu irmão, e Lúcia. O que não se vê não existe? Para César, as coisas existem se forem palpáveis. Mas, ao pensar

e agir assim, ele deixa de ver outros ângulos das coisas. Pelo fato de ele não as ver, elas não existem?

Pode-se colocar o tema de um modo bem familiar, pedindo as opiniões dos alunos a respeito da relação entre visível e invisível e entre existir e não existir. Quando não se assiste a um novo programa da tevê, ele não existe? Ou não existe para quem não o vê? A discussão, efetuada de modo a ouvir as impressões dos alunos, pode ajudar a caminhar em outra direção, que traria atividades interdisciplinares. O desenvolvimento da ciência dá-se a partir da problematização do que é visível, para, então, obterem-se conhecimentos mais abstratos. Um exemplo disso é a impressão de que a terra é quadrada. Em conjunto com a área de Ciências, pode-se propor um trabalho sobre conhecimentos invisíveis que mudaram os homens. Seria interessante que não apenas a ciência entrasse na pesquisa, mas, junto a ela, a imaginação. Responsável por *criar* o que não existe, os mitos, por exemplo, ensinam a ver o que não existe com os olhos da imaginação (as bruxas, os monstros, os talismãs), e assim poder enfrentar melhor a realidade existente.

DURANTE A LEITURA

Durante a leitura, os alunos provavelmente terão curiosidades sobre o final da história. Esse momento intermediário parece, assim, ser o mais estimulante para pôr a imaginação em prática. O que acontecerá com Hanna? Ela e seu pajem decifrarão o mistério? Como?

Para que a atividade se torne mais produtiva, ao final da leitura, vale a pena propor que em grupos, os alunos escrevam suas soluções. E as guardem *invisíveis* para o restante da classe, até mesmo para o professor. A partir daí, pode-se criar o *Vale dos Livros* da classe — lugar das várias versões da história para, ao final de tudo, descobrirem-se novos tesouros.

Mais próximos do final da história, a família de César assiste a um filme, *Deu a louca no mundo*. Como se trata de um filme citado num livro, pode-se explicar (não necessariamente com linguagem conceitual) que ali ocorre o cruzamento de duas linguagens artísticas, uma comentando a outra. O nome teórico do procedimento é metalinguagem e, neste caso, serve a César para problematizar ainda mais suas questões. Será que o tesouro existe? Ou todos estão loucos?

Se for possível, seria interessante que os alunos assistissem ao filme na sala de aula. As relações entre livro e filme ficariam

guardadas, como um tesouro. Aqui, bastaria o prazer da aventura engraçada.

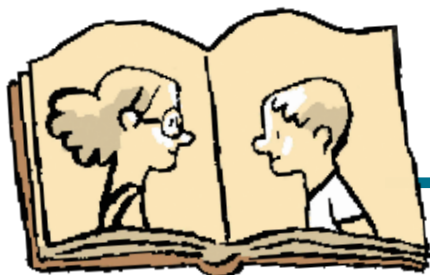
Quase no final da história, César enfrenta Lorenzo. Como se trata de um tema delicado — nem sempre é possível enfrentar diretamente aqueles que nos ameaçam —, o professor poderia antecipar a discussão do problema, lançando à classe um debate sobre a violência injustificada e as formas de reagir a ela. Sem chamar muito a atenção para o tema, bastaria alertar para as dificuldades de responder à violência com violência. Seria importante que o professor, nesse momento, ficasse alerta para as várias opiniões dos alunos e conseguisse reuni-las de modo a não estimular o enfrentamento direto.

DEPOIS DA LEITURA

Após a finalização da leitura, sugere-se que o professor ouça as várias impressões da classe sobre o livro. Existe uma única opinião possível? Há só uma maneira certa de ler um livro?

Numa das metáforas finais do livro do pai de César, o ancião diz a Hanna que “todo livro é invisível até que alguém o leia” (p. 117). Pode-se, então, propor um painel para ficar afixado na classe, durante todo o ano letivo, com um desenho do *Vale dos Livros* e duas colunas: *Livros visíveis* e *Livros invisíveis*. À medida que cada aluno ler um livro, ele acrescenta seu título ao painel, e, assim, em conjunto, se estimulará a descoberta de novos tesouros.

Outra atividade possível é organizar uma palestra com um escritor para que fale sobre seu processo de criação. A palestra seria um exercício, por si só, de metalinguagem, já que haveria um escritor falando de seu modo de escrever e, ao mesmo tempo, seria o momento adequado para que os alunos perguntassem sobre o processo da criação literária. Poderiam ser feitas perguntas sobre como se criam personagens (são tirados da realidade ou totalmente inventados?) sobre a preferência do autor por este ou aquele foco narrativo (em terceira pessoa onisciente ou não; em primeira pessoa etc.).



ELABORAÇÃO DO GUIA IVONE DARÉ RABELLO;
REVISÃO PEDAGÓGICA E PREPARAÇÃO MIRÓ EDITORIAL